Dos Espaços Interditos À Instituição Dos Territórios Travestis: Uma Contribuição Às Geografias Feministas E *Queer*

From The Interdictory Spaces To The Insitution Of The Transvestite Territories: A Contribution To Feminists And Queer Geographies

De Los Espacios Interdictos A La Institución De Los Territorios Travestís: Una Contribución A Las Geografías Feministas Y Queer

Joseli Maria Silva

UEPG
joseli.genero@gmail.com

Marcio José Ornat

UEPG
geogenero@gmail.com

Resumo: O artigo explora a relação contraditória e complementar entre interdições, fronteiras e territórios que marcam a existência travesti. Para alcançar este objetivo foram realizadas duas pesquisas paralelas no Grupo de Estudos Territoriais (GETE) em que foram investigadas, através de entrevistas em profundidade, as experiências espaciais de treze pessoas que se auto identificavam como travestis, além de observações sistemáticas por dois anos. As vivências espaciais do ser travesti são marcadas pelo abandono, pela posição de inferioridade na hierarquia da diferença sexual e pela exclusão socioespacial. Paradoxalmente, são estes mesmos elementos que, compartilhados, acionam as fronteiras e fortalecem a formação de territórios. A referência de território travesti resgatada para este trabalho é o da prostituição, já que é a partir dele que o ser travesti torna-se visível e desejável na sociedade heteronormativa que simultaneamente o invisibiliza com seu poder de interdição espacial ao acesso à cidadania.

Palavras chave: geografias feministas e *queer*, espaço interdito, território, travesti.

Abstract: The article is to explore the contradictory and complementary relation among interdictions, boundaries and territories that mark the transwoman way of living. To reach this aim, two parallel researches were carried out with thirteen people who identified themselves as transvestites by Territorial Study Group (GETE). Besides systematic observation, they were accomplished by means of exhaustive interviews in two years. The spatial lifestyles of the subject transwoman are marked by the abandonment, by the position of inferiority in the hierarchy of the sexual difference and by the sociospatial exclusion. Paradoxicalally, these are the same elements that are shared by them, prompting the boundaries and strengthening the formation of territories. The reference to the transwoman territory retrieved in this study refers to prostitution, since it is from this point that the subject transwoman becomes visible and desirable in the heteronormative society that simultaneously makes it unenviable with its power of spatial exclusion to access to citizenship.

Keywords: feminists and queer Geography, interdictory space, territory, transgender / transwoman.

Resumen: El artículo explota la relación contradictoria y complementar entre interdicciones, fronteras y territorios que marcan la existencia travestí. Para alcanzar este objetivo, fueron realizadas dos investigaciones paralelas en el Grupo de Estudos Territoriais (GETE), en que fueron pesquisadas, a través de entrevistas en profundidad, las experiencias espaciales de trece personas que se autoidentificaban como travestís, además de observaciones sistemáticas por dos años. Las vivencias espaciales del ser travestí son marcadas por el abandono, por la posición de inferioridad en la jerarquía de la diferencia sexual y por la exclusión socio-espacial. Paradojalmente, son estos mismos elementos que, compartidos, accionan las fronteras y fortalecen la formación de territorios. La referencia de territorio travestí rescatada para este trabajo es el de la prostitución, ya que es a partir de él que el ser travestí se vuelve visible y deseable en la sociedad heteronormativa, que simultáneamente le invisibiliza, con su poder de interdicción espacial al acceso a la ciudadanía.

Palabras clave: geografías feministas y *queer*, espacio interdicto, territorio, travestí.

As considerações iniciais: nós, elas e a Geografia.

O texto que apresentamos aqui é fruto de um encontro entre pessoas diferentes que, justamente por isso, conseguem trocar emoções, experiências, ideias e conhecimentos. Assim, o texto não é 'sobre' um objeto de estudo, mas contempla uma relação em que sujeitos produtores de conhecimentos se encontram e fazem a geografia cotidiana e científica de forma simultânea. Como nosso grupo de pesquisas vinha desenvolvendo uma trajetória de estudos de gênero e espaço desde 2003, resolvemos avançar, problematizando a relação entre o espaço e as pessoas que não se encaixavam nas normas hegemônicas de gênero em 2005. Ainda pautados pela materialidade, decidimos por estudar o fenômeno da prostituição travesti[1], já que é nesta atividade que estas pessoas são mais visíveis no contexto urbano.

O primeiro encontro entre nós, componentes do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) e as travestis, ocorreu há cinco anos. Uma forte carga de estranhamento inicial balizava nosso olhar sobre aqueles corpos que mesclavam elementos femininos e masculinos mas, ao mesmo tempo, nos fascinavam pela excepcionalidade e transgressão das normas hegemônicas de gênero. Sua existência desafiava, sobretudo, nossas pretensas verdades científicas, formalmente organizadas de forma objetiva. As travestis, por sua vez, também questionavam nosso interesse por elas e suas vivências, nos perguntando, em várias ocasiões, sobre nossas 'verdadeiras intenções' ao nos aproximarmos delas. Com o tempo, o estranhamento já não fazia parte dos nossos encontros, já participávamos cotidianamente de suas vivências espaciais, lutávamos a favor de seus direitos cidadãos, ríamos juntos de nossas diferenças, entristecíamos com seus sofrimentos e enfim, éramos um grupo.

Iniciamos nossa exploração pelo caminho conceitual que, em uma primeira aproximação, possibilitaria a compreensão do fenômeno da prostituição travesti, o território. O estudo das proposições já consolidadas no campo geográfico brasileiro como a de Sack (1986), Raffestin (1993), Souza (1995) e Haesbaert (1995, 1998) foram tomadas como referência inicial. Os conceitos de território propostos pelos referidos autores, guardadas as especificidades de cada um deles, consideravam as ações de indivíduos e grupos que controlam, influenciam pessoas, fenômenos e relações, sendo o espaço um mediador da correlação de forças entre eles. Além disso, as concepções de território mantinham a noção de limites que constituem fronteiras por meio dos elementos materiais, políticos e simbólicos que separam os 'de dentro' e os 'de fora' da configuração estabelecida. Dentre as proposições analisadas, mediadas com a abordagem empírica que se desenvolvia na construção do objeto de pesquisa, optamos pela proposta de Souza (1995, p. 86), que designa o território como "um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou 'comunidade', os *insiders*) e os 'outros' (os de fora, os estranhos, os *outsiders*)".

Enfim, nós, do alto do altar do conhecimento científico, havíamos adotado como ferramenta conceitual o território, a partir da concepção proposta por Souza (1995). Concebíamos o território da prostituição travesti como um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, estabelecendo uma relação oposicional entre *insider e outsider*. Elas, do alto de sua própria experiência, nos desafiaram a ir além desta posição conceitual, quando nos disseram a seguinte frase em meio a um descontraído e alegre chá da tarde na Organização Não Governamental Renascer: "os mesmos homens que fecham as portas para nós durante o dia, abrem as pernas para nós durante à noite".

Para nossa sorte, elas não são geógrafas, estão livres das amarras conceituais e metodológicas e das armadilhas que o medo de negar a teoria impõe aos pesquisadores. Resolvemos então, assumir nossa 'heresia' e ir além do terreno firme e conhecido, questio-

1 Embora a língua portuguesa considere o termo 'travesti' como sujeito masculino, este texto adota a forma feminina para respeitar a auto identificação do grupo social pesquisado.

nando as fronteiras do território da prostituição travesti e a oposição *insider / outsider*, já que a frase por elas tantas vezes repetida trazia paradoxos a serem explorados. Assim, passamos a explorar o sentido das "portas que se fecham durante o dia" com um eixo da pesquisa que abordava a instituição dos espaços interditos às travestis e, por outro lado, seguimos as pistas sobre "as pernas que se abrem à noite" procurando compreender o território da prostituição travesti.

A geografia até então experienciada por nós não dava conta do caráter transitório, fluído e inominável das relações que estudávamos. Fomos em busca de 'novas veredas' e desenhamos a trajetória teórica e conceitual que será aqui evidenciada, tomando como perspectiva epistemológica e metodológica as Geografias Feministas e *Queer*. A pesquisa resultou em reposicionamentos de ambos, pesquisadas e pesquisadores(as), e também um desafio dos limites ao nosso conhecimento geográfico. Assim, o presente texto discute a paradoxal relação entre o espaço urbano e as travestis, constituída da simultaneidade do espaço interdito e do território da prostituição.

Outro fator a ser considerado inicialmente é a diversidade da compreensão do termo travesti, utilizado nesta investigação. Para este trabalho, o termo 'travesti' significa e nomeia seres humanos que possuem um corpo biologicamente masculino e identidade de gênero feminina. Para atingir o ideal da aparência do gênero adotado, essas pessoas tomam hormônios femininos, usam silicones e realizam outras várias transformações corporais para poder manter e representar sua identidade. Há várias polêmicas em torno da tentativa de adoção de terminologias que expressem as pessoas aqui retratadas. Peres (2007, p. 04), por exemplo, problematiza as definições da língua portuguesa em relação aos termos travesti e travestismo e defende a ideia de que a travesti brasileira não corresponde às definições da língua, propondo como definição que as travestis

> são pessoas que se identificam com a imagem e estilo feminino, que desejam e se apropriam de indumentárias e adereços de sua estética, realizam com frequência a transformação de seus corpos através da ingestão de hormônios e/ou da aplicação de silicone industrial, assim como, pelas cirurgias de correção estética e de próteses, o que lhes permitem se situar dentro de uma condição agradável de bem estar bio-psico-social.

A definição adotada pelo autor é também a que sustenta este trabalho. As travestis desafiam a ordem binária de organização do sexo, gênero e desejo, instituindo complexas relações espaciais. Participaram desta pesquisa treze travestis que compartilharam suas experiências espaciais através de vinte e uma entrevistas em profundidade, tendo como fio condutor um roteiro dirigido que explorava três espacialidades distintas (casa, vizinhança, cidade) e em diferentes fases da vida (infância, adolescência e maturidade). As entrevistas foram transcritas na íntegra e a transformação da expressão oral para escrita manteve as características originais de oralidade, sendo que a operação de edição do material transcrito adotou apenas a pontuação adequada gramaticalmente. A postura de manter a fala original deve-se ao fato dos pesquisadores adotarem a perspectiva de Foucault (2005) que revela as interdições ligadas ao poder, regulando 'quem' tem o direito de se expressar e o privilégio exclusivo de manifestação. As falas das travestis presentes no texto devem ser consideradas, conforme Butler[2] (2004, p. 73), como uma contribuição quando

> pensamos em mundos que un día se convetirán em pensables, em decibles, em legibles, hacer visible lo que há sido repudiado y decir lo que antes era inefable se convierte em parte de uma 'ofensa' que se debe cometer para ensanchar al dominio de la superv ivencia lingüística. La significación del lenguaje requiere abrir nuevos contextos, hablando de maneras que aún no han sido legitimadas, y por lo tanto, produciendo nuevas y futuras formas de legitimación.

As entrevistas foram analisadas a partir de técnicas de análise de conteúdo em que se constituíram redes semânticas que deram sentido à análise espacial empreendida neste artigo como sugere Bardin (1977). O referencial empírico de desenvolvimento dessa análi-

[2] As obras de Judith Butler e Michel Foucault constituem bases teóricas fundamentais no desenvolvimento das Geografias Feministas pós-estruturalistas e Geografia Queer.

se é a cidade de Ponta Grossa, cidade média paranaense, distante cerca de cento e dez kilometros da capital do Paraná e conhecida por ser um importante entroncamento rodoferroviário do sul do Brasil.

O espaço interdito na existência do ser travesti na sociedade heteronormativa: "as portas que se fecham durante o dia".

Os corpos que não se encaixam na matriz heteronormativa organizadora da inteligibilidade da realidade socioespacial são considerados "abjetos", como argumenta Butler (1990, 1993). A expressão de Judith Butler, também contida na entrevista realizada por Prins e Meijer (2002, p. 161), define corpos "cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'". O fato da existência de seres humanos ocorrer através de corpos considerados abjetos, não quer dizer que não possuam uma existência concreta, que suas histórias de vida e ações não façam parte do espaço urbano. Duncan (1990) argumenta em *"The city as text"* que a paisagem urbana é um sistema de significados, depositária e transmissora de informações, tal qual a linguagem expressa em textos escritos. A "paisagem/texto" constitui um discurso, uma estrutura social de inteligibilidade dentro da qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas. Cada grupo social interpreta o texto urbano de forma diferente, ao mesmo tempo em que o produz, de forma simultânea. As inter-relações de textos que se entrecruzam, instituintes e instituídos da "cidade texto" são as "intertextualidades".Assim, mesmo os corpos considerados abjetos tecem seus próprios textos urbanos, como as travestis, foco deste estudo que resgataram em suas memórias as experiências espaciais que subvertem a ordem hegemônica que nega sua existência.

O texto urbano tecido na existência travesti é composto por diversos espaços e tempos, resgatados de suas memórias. Cosgrove (1999, p. 23) argumenta que a memória constitui uma temporalidade em que o espaço aparece como fenômeno vivo e significativo. Em sua reflexão, a memória é tanto individual como social, pois "as relações sociais de memória (são) a memória das relações sociais, e são poderosamente importantes na constituição da identidade e do lugar". Assim, os relatos de vida das pessoas que colaboram com o presente trabalho, são memórias construídas que articulam os acontecimentos passados, interpretados à luz do presente, permanentemente negociadas intersubjetivamente na construção identitária, tal qual proposto por Pollak (1992, p. 5), tendo a espacialidade destas relações, fundamental importância:

> A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Se assimilarmos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, (...) este elemento, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros.

A análise das vinte e uma entrevistas realizadas com o grupo das travestis, que retiram seu sustento da atividade da prostituição[3] evidencia um conjunto de 906 evocações referentes às suas relações socioespaciais[4]. A figura 1 evidencia que há uma supremacia das evocações que resgatam o território da prostituição, a casa e o espaço urbano como um todo. As demais espacialidades que não caracterizam uma tendência que possa ser reunida num único eixo de análise foram reunidas na categoria chamada de "outras espacialidades".

[3] Com o objetivo de proteger a identidade das pessoas que colaboraram com a pesquisa foram utilizados nomes fictícios inspirados na Mitologia Grega.

[4] Os trechos de falas explicitados no texto representam tendências da totalidade das respostas encontradas. São falas "paradigmáticas" obtidas pela classificação do conteúdo dos discursos em unidades maiores de sentido, através de um sistema de codificação que permitiu a definição dos campos representacionais da relação entre as travestis e suas experiências espaciais.



Figura 1: Evocações de Discurso: Espacialidade Travesti em Ponta Grossa – PR

Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas realizadas entre março de 2006 a julho de 2007.

A memória constituída das representações espaciais resgatadas dos relatos de vida foram ordenadas de forma a evidenciar os elementos que compõem estas espacialidades. A casa é uma espacialidade rememorada das vivências infantis, adolescentes e adultas. Do total de evocações referentes à casa, 50% relaciona-se aos dois primeiros períodos de vida e os outros 50% relaciona-se à vida adulta. A espacialidade da casa compõe as relações do núcleo familiar próximo como mães e pais e de familiares mais distantes. É também na espacialidade da casa que são vivenciados os primeiros sentimentos de diferença em relação aos outros, que marcarão a identidade das travestis. No ambiente privado a travesti resgata também as vivências afetivas com companheiros e maridos. A figura 2 composta por esferas de vários tamanhos, evidencia as diferentes intensidades de evocação dos elementos que caracterizam a espacialidade da casa.



Figura 2 – Espacialidade: Casa.

Fonte: Elaboração própria a partir entrevistas realizadas entre março de 2006 a julho de 2007.

A casa é uma espacialidade rememorada na infância compondo as relações materna e paterna. As vivências da relação paterna são significativas na fase de infância e adolescência e em geral, ela é o marco mais importante da deflagração dos conflitos em torno das exigências do exercício da masculinidade e das práticas de agressão física e psicológica. São comuns os relatos de violência física e inclusive sexual, culminando com a expulsão da travesti do convívio familiar. O relato que se segue é expressivo do padrão de relações paternas evidenciado no grupo:

> Ele chegou bêbado em casa e falou para mim assim, que se eu era travesti, que se eu era bicha, ele não aceitava viado na família. E daí ele falou que se eu gostava disso, então tá a minha rola para você chupar, tirando o pênis para fora. Daí eu falei: não pai, eu não quero. Então vou levar você pra ganhar dinheiro com os meus amigos. Daí eu falei: não pai, imagina. Eu tinha onze para doze anos. (...) Ele pegou uma mochilinha que eu tinha da esc ola, pequenininha assim. Colocou uma calça jeans, uma camiseta, uma jaqueta daquela jeans também e falou para mim: pode ir embora. Daí eu falei que ia levar mais roupas. Ele falou que eu nã o ia levar roupa nenhuma e se quer roupa, compre! Isso aconteceu de madrugada. Disse: pode ir embora. Daí eu comecei a sair de casa chorando, eu tinha onze anos. Daí eu comecei a olhar para trás. Daí ele falou assim: não olhe para trás que eu te arrebento na porrada! (...) E daí fiquei largada na rua (...). (Entrevista realizada com Eirene em 03.04.2007) .

As evocações das experiências maternas vinculadas às memórias espaciais da casa estão presentes, na maioria das vezes, ao longo da vida. O vínculo materno, embora conflituoso, mesclado pelo paradoxo da aceitação e rejeição é mais estável e permanente do que a relação paterna. Mesmo que a relação não seja completamente positiva, há um esforço de busca deste vínculo e há também casos em que é a mãe, apesar de não aceitar, que apoia as opções da sexualidade vivenciada pela travesti. É comum entre elas que a mãe continue a tratá-las pelo nome masculino, mesmo depois que as travestis já assumiram completamente a identidade feminina. É a única pessoa em que elas admitem essa atitude e argumentam que "mãe é mãe, tem direito né, porque colocou no mundo um filho homem e é difícil para ela compreender minhas transformações." Os paradoxos entre afeição e cobrança da masculinidade vivenciados na espacialidade da casa, quando retratadas as relações maternas, podem ser exemplificados na fala paradigmática que se segue:

> (...) a minha mãe sempre me repudiou. Sempre fez questão de falar que eu era homem e que ela queria um filho homem, que ela tinha posto um filho homem no mundo e era o que ela queria. Cada vez que eu vou fazer uma visita pra minha mãe parece que eu fui fazer uma visita ao médico. A gente conversa coisas superficiais, nada haver! Ninguém fala de ninguém. (...) sempre tive uma relação assim com a minha mãe. Hoje em dia, que eu vivo há seis anos fora da casa da minha mãe, a minha relação é bem melhor do que era antes, de que quando eu convivia com ela. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

A espacialidade da casa é resgatada também nas primeiras percepções de suas diferenças em relação às crianças com quem conviveram. O exercício das brincadeiras masculinas são, em geral, rejeitadas e esse fato é motivo de questionamentos e conflitos internos que geram sofrimentos porque não correspondem às expectativas familiares e sociais das normas de gênero hegemônicas, conforme o relato que segue:

> Que eu tenho lembrança dos meus cinco anos em diante, dos seis, sete anos de idade em diante ,eu já sabia que eu era diferente. Sabia que eu gostava de homem, que eu sentia atração. Porque quem é assim já sabe (...). já ficava imaginando o melhor amigo, sempre o melhor amigo. Acho que já fazia questão de ficar mais próximo por isso. Mas em relação ao meu corpo, com doze anos, eu fui ver que eu era diferente, que o meu corpo era diferente. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

As iniciativas de 'correção' dos comportamentos de gênero resultaram, na grande parte das vezes, em internamentos em instituições masculinas como seminários, colégios e mais tarde, em pressões para ingresso nas forças armadas. Essas iniciativas, contudo, acabam por resultar na confirmação de uma identidade homossexual. É nas instituições consideradas símbolos máximos do exercício da masculinidade que as travestis relatam suas primeiras práticas sexuais e mais tarde, a auto identificação homossexual, como pode ser observado no trecho de relato que se segue:

> Desde os meus sete anos, desde quando eu estudava no seminário, que era de padre, eu já tinha relações. Porque os próprios padres que estudavam no colégio, que davam curso, que eram internos já tinham relações. Então já era experiência que você nem sabia o que tava fazendo. Mas a minha primeira relação homossexual, eu tinha nove anos e o rapaz era vizinho da minha mãe (...). O homem que saiu comigo era caminhoneiro. Ele era casado. Foi a minha primeira relação, pra mim, homossexual mesmo, porque ele era adulto. (Entrevista realizada com Héstia em 15.03.2007).

Os trechos de relatos de Hestia, Nike e Eirene evidenciam as condições relacionais da construção identitária, em que 'o outro' é elemento fundamental para a confirmação de uma identidade homossexual ou travesti. O agente desta confirmação é um homem, tido socialmente como heterossexual e, frequentemente, sustentáculo das mais variadas manifestações homofóbicas. Nos casos aqui estudados, evidencia-se que a vivência das tenras sexualidades foram capturadas por homens próximos ou da confiança familiar, adultos e supostamente heterossexuais que lhes conferiram uma identidade sexual, sem que esta fosse por mais tempo e em diferentes intensidades, ensaiada, treinada e vivida a partir dos seus próprios desejos. Infelizmente, a homofobia e a transfobia atinge muito mais um ser em tenra formação, categorizado como produto homossexualizado e por isso passível de ser usado, do que seus produtores homossexualizadores, cujas identidades, são sempre resguardadas da repulsa social, inclusive no seio da própria família.

A experiência da espacialidade da casa com os demais familiares como irmãos, primos, tios estão também impregnadas de exclusão, sofrimento, preconceito e violência, sendo comum o afastamento das travestis, notadamente, depois que a mãe deixa de realizar a mediação das relações familiares. Contudo, observa-se que quando a travesti obtém algum sucesso financeiro e passa a ajudar economicamente os seus familiares, há uma outra aceitação de sua sexualidade, evidenciado no trecho do relato de Atena:

> (...) A família não aceitou durante este tempo. Eles foram aceitar quando eles viram que eu tinha progredido. Eu os abandonei também, eu não tive mais contato com eles desde quando eu saí de casa. (...) Voltei com o dinheiro. (...) E eles falaram que era para eu ir do jeito que eu estivesse, e desde então eles passaram a aceitar, a me respeitar e respeitar o meu espaço. (Entrevista realizada com Atena em 04.04.2007).

A relação com o(a) companheiro(a) é a mais intensiva evocação das experiências espaciais relacionadas à casa. Contudo, ela está sempre relacionada a uma oposição às práticas espaciais vivenciadas no território da prostituição e há uma busca do exercício dos papéis de gênero tradicionalmente verificados nos casamentos convencionais, com algumas singularidades. As oposições entre as experiências vividas em casa e no território da prostituição se dão em torno das relações sexuais, afetividade e fidelidade. As travestis apontam a fidelidade como um componente fundamental da experiência da conjugalidade. Contudo, a fidelidade exigida está estabelecida por regras próprias contratadas na casa para conciliar a atividade de prostituição vivida pelas travestis. As normas evocadas no discurso é o veto da realização da atividade de prostituição em casa, atribuindo à casa um valor de respeito à relação com o(a) companheiro(a), a negação do beijo na boca e a regulação do prazer da travesti no ato sexual exercido na prostituição. O beijo e o prazer devem ser resguardados ao companheiro(a) e vividos no espaço da casa, como pode ser lido no relato transcrito de Nike:

> O maior diferencial disso tudo é fazer com amor, e fazer por dinheiro. Lá na esquina, no meu profissional, eu vou para a cama com o cara, e obviamente que eu não vou por prazer . Vou apenas pelo nosso trato ali. (...) faz quatro anos que eu sou casada, hoje em dia na esquina, o que conta para mim é o dinheiro. Eu dou prazer, mas não tenho prazer. (...) Com meu companheiro, faço com amor, com carinho. Espero aquilo, sinto desejo daquilo, já fico pensando como vai ser a próxima, que horas, quando. Já na esquina não. Se o cliente vai voltar ou não, não importa. Se o dinheiro dele vai voltar, ai importa. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

As condutas sexuais que se evidenciam nos discursos das travestis são convencionadas na relação entre os parceiros da conjugalidade, mas também estabelecidas no grupo social

de pertença identitária. Portanto, é através da performatividade que estas regras e normas são reiteradas, materializando em uma relação conjugal de indivíduos em conflito com a ordem vigente de gênero as mesmas normas de relacionamento vividas na heterossexualidade compulsória. Elas, paradoxalmente, alinham-se aos preceitos da heteronormatividade que atribuem os papéis masculinos e femininos do relacionamento conjugal, como pode ser visto nos relatos que seguem. No primeiro caso, trata-se de uma travesti que vive maritalmente com um homem e no segundo, de uma travesti casada com uma mulher.

> Como casada, com o companheiro, você vai conviver com ele, você vai cuidar dele como uma mulher mesmo, você vai ser passiva. Porque a maioria das travestis que tem uma relação, elas saem da vida (da prostituição). Pra poder sobreviver uma relação, você tem que estar fora da prostituição. Não pode misturar. Ou você fica com o parceiro mesmo, ou você fica na prostituição. Porque o parceiro vai ter ciúme de você, ou você fica com a cabeça no parceiro. Então é difícil. (...) Você veja bem, se eu vou viver com um rapaz, eu vou me dedicar a ser perfeita pra ele. V ou cuidar da casa, do bem estar dele. Então eu vou ser sempre prestativa, como uma mulher é pro marido. (Entrevista realizada com Héstia em 15.03.2007).

> Se a travesti é casada com uma mulher, que é minoria, mas tem, como o exemplo da Têmis, ela tem que fazer como ela faz, ela tem que se virar, tem que ser o homem da relaçã o. Ela tem que ir para a rua, conseguir dinheiro, tem que sustentar a esposa, como o hom em sustenta a esposa. Agora a travesti que é casada com homem, acho que o homem tem que sustentar a travesti. E se a travesti quiser ir para a rua, para gastar dinheiro nas futilidades, ela vai, se não quiser, não. (Entrevista realizada com Afrodite em 20.03.2007).

Mesmo quando as conjugalidades se dão de formas distintas, uma travesti vivendo com um homem ou uma mulher, os papéis definidos se dão pelo 'outro' da relação. Podem ser encontrados os gêneros performáticos mais convencionais da sociedade heteronormativa, sendo vividos e desejados de forma intensa por estes seres transgressores da linearidade sexo / gênero / desejo. Os elementos comuns no discurso das travestis são também oposicionais: homem provedor, travesti mantenedora do bem estar da casa. Homem ativo na relação sexual e travesti passiva, assim como uma certa necessidade de optar pela vida de prostituta ou de dona de casa e esposa. Contudo, estas mesmas normas não são obedecidas quando a travesti é casada com uma mulher, já que a esta travesti será conferido o status masculino, mesmo que ela esteja identificada com o gênero feminino em sua estilística corporal.

A cidade, enquanto elemento constituinte da adolescência e da vida adulta da travesti, está relacionado às categorias de *Autoimagem, Prostituição, Sentimento de Diferença e Ser Travesti*, como visto na figura 3:



Figura 3 – Espacialidade: Cidade

Fonte: Elaboração própria a partir entrevistas realizadas entre março de 2006 a julho de 2007.

As relações que foram apontadas pelas falas das travestis, que se relacionavam à espacialidade da cidade, ou ao espaço urbano, em sua maioria tinham referência à fase adulta, com 82 % das evocações, a fase da adolescência com 17% e a infância com 1% das evocações.

As principais evocações para descrever o ser travesti são a batalha, coragem e o uso do silicone, que é central em sua vida pois, é através dele que ela alcança as formas desejadas do corpo feminino. As travestis se autodefinem como indivíduos que possuem a força masculina com a fragilidade feminina. Elas buscam a inteligibilidade de si mesmas a partir de explicações em duas direções. Uma delas é através de argumentos médicos e biológicos, relacionados ao fato do corpo das travestis possuírem maior quantidade de hormônios femininos do que masculinos. A outra forma de explicar sua existência é através da divinização do ser travesti, através de sua associação com anjos, sem sexo definido, ou ainda, uma alma feminina aprisionada em um corpo masculino.

A cidade produzida por jogos de intertextualidade, como proposto por Duncan (1990), apresenta também as teias urbanas tecidas pela experiência travesti, denominada por Silva (2007) de 'produção do espaço interdito'. O espaço, para esta geógrafa, é produzido tanto pelo visível, concretizado na paisagem, como por seu complemento contraditório, o invisível. O espaço urbano composto pelas histórias de vida das travestis aqui retratadas espelha o sofrimento de exclusão espacial e é a partir deste panorama de rejeição, que se normaliza a circulação urbana das travestis no período noturno, relacionada à atividade de prostituição.

A autoimagem construída pelas travestis em relação à cidade é paradoxal. A admiração social pelo corpo feminino que possuem está associada às agressões sofridas pela exposição de um corpo que não corresponde às normas vigentes de gênero. O sentimento de inveja advindo de mulheres ao lado do desejo dos homens. O corpo andrógino que a faz sofrer é também fonte de seu sustento, coexistindo a fama ao lado do abandono.

A INSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO PARADOXAL TRAVESTI: "AS PERNAS QUE SE ABREM À NOITE".

As experiências espaciais compartilhadas pelo grupo são marcadas pelo abandono, percepção da diferenciação em relação aos demais meninos na infância e adolescência e exclusão socioespacial. Paradoxalmente, estes elementos acionados nas conversas entre elas, se constituem em processos de identificação entre iguais e, assim, criam laços que se fortalecem na formação de territórios. É o compartilhamento de sofridas experiências socioespaciais que promovem processos de identificação que confluem para um espaço que se torna território[5]. É a vivência do território, instituído por normas e comportamentos convencionados dos corpos, que as travestis produzem suas identidades e conseguem fazer frente aos outros grupos sociais.

O território é elemento fundante da vida adulta da travesti e é evocado por elas a partir das categorias de *Controle do Território, Prostituição, Ser Travesti e Autoimagem,* como visto na figura 4.

[5] Áreas dos territórios da prostituição travesti: **Território Nova-Rússia** (PR – 101 entre a D. Pedro II e Centenário do Sul); **Território Cemitério Mun. S. José** (Gen. Marques dos Santos entre Airton Plaisant e Pasteur) **Território Centro** (Fsco. Ribas, Tiradentes, T. Rosas e Júlia Wanderlei).



Figura 4 – Espacialidade: Território

Fonte: Elaboração própria a partir entrevistas realizadas entre março de 2006 a julho de 2007.

Do total de evocações apreendidas nas falas das travestis, as principais referem-se à prostituição, com 52%, sendo seguidas pelo controle do território, com 42%. As evocações que se relacionavam a *auto imagem* e ao *ser travesti*, apontaram que é através do território que a feminilidade da travesti é aceita, tanto pela sociedade como pelas outras travestis.

Os elementos do universo feminino apresentados pelo o corpo das travestis são tidos como marcas, que são motivo de admiração ou de repulsa, definindo, como argumenta Louro (2004), os limites sociais do que seria 'certo ou errado' e através desses julgamentos, a sociedade produz os indivíduos 'imorais e patológicos'. O preconceito e admiração compõem o paradoxo da vivência territorial travesti, relacionada a *Ser Travesti* e *Auto Imagem*, como visto abaixo no depoimento que se segue:

> Os que saem comigo falam que eu sou bonita. Só que eles podem falar isso pra mim como falam para os bagulhos... (...) Já as travestis novatas falam que queriam ter o meu corpo. As mais antigas não falam nada. As que estão começando perguntam: como que você conseguiu este corpo? O que tem que fazer para conseguir este corpo? (...) As pessoas enquadram a travesti como se todas fosse iguais, e nã o é. Cada uma tem uma personalidade. Pro mundo, a travesti é um homem que se veste de mulher e que quer sexo. É isso que as pessoas pensam. Que é essa a vida da travesti, se vestir de mulher, e ter bastante relação sexual. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

As falas remetem à relação entre espacialidade e corpo, provocando rejeição ou admiração, legitimando de uma forma ou de outra as marcas do corpo, características do poder do gênero. Contudo, são as marcas da feminilidade, carregadas nos corpos das travestis, que paradoxalmente permitem a estes sujeitos o reconhecimento e enquadramento em determinado grupo identitário ou sua exclusão e assim, dependendo da espacialidade vivida pela travesti, os corpos podem ser aprovados, tolerados ou rejeitados. Assim, o território da prostituição travesti também institui ideais de corpos a serem admirados ou rejeitados, como pode ser visto no trecho que se segue:

> Mas, eu não fui bem aceita, sabe. Sofri o preconceito com o pessoal, porque daí quando eu saí do exército, eu tinha um corpo masculino, não tinha cabelo, cabeça raspada. Então botei uma peruca, um vestidinho curto e fui. Deram risada, me xingaram: o que você pensa que é? Tá se achando travesti? Isso das amigas: Porque nem feminina você é! O que você quer? Um homem barbudo de saia! Elas me viram assim. Eu via dentro de mim a travesti que eu sou hoje, entendeu. Montada, belíssima na minha cabeça. (...) Eu já via isso em mim e elas não. Que o meu físico não deixava elas verem isso, entendeu. O meu físico era inaceitável. Eu querer , me achar bonita, feminina se tinha acabado de sair do exército. Na cabeç a delas, eu era um boy de peruca na esquina. Eu nunca fui aceita. Eu sempre corri, sempre me escondi. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

O controle do território pressupõe uma certa união das travestis envolvidas com a atividade da prostituição, na reprodução cotidiana do território, colocado no espaço urbano

como elemento contraditório / complementar à heteronormatividade.

Os elementos componentes do território da prostituição travesti são complexos e paradoxais. A violência é componente fundamental, contudo, o território é construído também pelas afetividades, tornando-se a possibilidade de vivências e disputas que ultrapassam as concorrências puramente econômicas de locais que possibilitam maiores ou menores rendimentos financeiros.

A aceitação de uma nova participação na vivência do território da prostituição travesti se dá através de uma espécie de ritual de passagem estabelecido pelas travestis mais antigas na apropriação territorial. Ao lado da violência, há a exigência da humildade, da honestidade, do reconhecimento da superioridade das 'mais antigas'. A resistência nesta conjuntura demonstra a vontade, a resignação e a aceitação das normas convencionadas no grupo das travestis, possibilitando a participação das/nas dinâmicas territoriais.

O primeiro ato que demonstra a intenção de participar do território é a permanência da travesti em algum local da área reconhecida como território de prostituição. A área reconhecida como espaço dominado pelo grupo possui algumas características que são importantes para que as práticas possam se desenvolver. Elege-se um local de grande tráfego de veículos, onde a passagem de famílias não seja comum, em geral, zonas comerciais e de serviços pesados. Esse tipo de local é considerado discreto porque durante a noite só frequenta a área, quem está disposto a participar das relações que ali se estabelecem, em geral homens. A procura pela discrição deve-se ao fato da necessidade das travestis exercitarem a exposição dos corpos, seus atributos físicos diferenciais e as expressões dos estilos e gestuais que atraem os possíveis clientes. Além disso, próximo à área de exposição, há uma área com menor iluminação, onde o programa sexual pode ser contratado.

Ocupar uma posição nas relações territoriais depende das estratégias da travesti recém-chegada em reconhecer os códigos grupais e resistir ao ritual de passagem, como pode ser visto no relato que se segue.

> Eu vou ficar e pronto. Se a bicha for forte, tiver peito para ficar, coragem para ficar, ela fica. Agora se ela não tiver, dá pancadaria. Porque tipo assim, é muito raro quando uma briga de travesti fica só no bate-boca. É muito raro. Normalmente é via de fato. Pelo menos desde a minha época é. É igual o que eu falei para a travesti de fora: você não vai ficar! Se ela reagisse, ela apanharia. Este também é o caso de se a travesti for muito fofoqueira, muito mexeriqueira, ficar colocando uma contra a outra, elas se reúnem e falam: você não fica mais aqui. Existe isso. Mas em matéria de só querer. Se eu não quero que você fique, eu tenho que ter um motivo, eu tenho que ir lá e falar. Se a bicha falar, me tire daqui, daí é pancada. Quem apanhar sai fora. Mas normalmente acaba apanhando, e bem mais tarde acaba voltando, porque dá dó, já apanhou, deixe ela, entendeu. Mas normalmente o controle é feito assim. Eu não sou assim, se eu tocar uma travesti da esquina, ai dela se ela voltar. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

Um ponto no território de prostituição travesti não pode ser ocupado por dois corpos. Isso porque o primeiro contato entre a travesti e o cliente que passa de carro é visual e o isolamento dos corpos diminui a concorrência. Assim, a disputa pelo ponto é motivo de diversos momentos de conflitos entre elas quando uma travesti deseja ficar no local escolhido por outra. Quando não entram em lutas corporais, podem contratar pessoas para realizar a agressão em seu lugar. O uso da violência para o controle do território se expressa como uma forma de afirmação da travesti frente às demais travestis e no exercício identitário do grupo conforme as normas a serem comunicadas, reconhecidas e incorporadas pelas integrantes.

O território estrutura-se de pontos hierarquizados pelas práticas de violência, mas também pela conquista e concentração de elementos considerados fundamentais nas práticas convencionadas pelo grupo, como a beleza, as transformações corporais que ascendem às marcas de feminilidade e também do tempo de apropriação do ponto, chamado por elas de 'tempo de batalha'. Assim, as travestis que reúnem os elementos acima elencados e que passam a ser reconhecidas pelas demais travestis como uma importante referência para o grupo, passam a gozar de prestígio e de locais de melhor visibilidade e conquista financeira. O território da prostituição travesti, portanto, constitui-se em relações de poder que hierarquizam as pessoas, as quais são plenamente identificadas em posições centrais, peri-

féricas ou até mesmo excluídas. Portanto, o território instituído pelas relações de poder é ao mesmo tempo instituidor do poder das pessoas que o compõem.

A humildade é um elemento central na estruturação do território e aparece como contraponto da violência e na aceitação e incorporação dos códigos do grupo e da hierarquia estabelecida. Contudo, a hierarquia está em constante tensionamento, através das conquistas individuais dos elementos considerados importantes. Uma transformação corporal é sempre motivo de comentários e de ascensão frente às integrantes do grupo. O acionamento da humildade se mostra fundamental no ritual de passagem, tanto para aquelas que já são da própria cidade, quanto para aquelas que são oriundas de outras localidades. O grupo espera que uma travesti que deseja fazer parte do território ou aquela que ainda não foi plenamente acolhida pelo grupo tenha uma atitude de submissão. Para elas, a travesti não pode se sentir mais bela ou superior às que já fazem parte do território que se expressa em atitudes relatadas como "*dar close, chegar batendo o cabelo, de nariz empinado*". Ser humilde para o grupo significa admitir que é nova no território, obedecer e se colocar no lugar a ela destinado, tanto no que se refere ao local concreto chamado de ponto, como na margem das relações de poder. Além disso, deve admitir a beleza e a força superior das outras já estabelecidas e tudo isso se faz da persistência para ser admitida nas relações estabelecidas.

A humildade em diversas vezes vem acompanhada da honestidade e isso significa não praticar furtos aos clientes e transeuntes a fim de não chamar a atenção dos policiais. A humildade também está associada à procura de amizades e o acolhimento das dinâmicas de funcionamento do território como o respeito às hierarquias estabelecidas, às práticas convencionadas no território e isso inclui fundamentalmente acatar o valor médio dos programas sexuais. O trecho a seguir evidencia os significados da humildade requerida pelo grupo. Mas também aponta que esta estratégia é transitória e uma vez acolhida pelo grupo, as estratégias de poder são acionadas.

> Ela tem que ser humilde. Primeiramente ela tem que ser humilde, tem que chegar , cumprimentar, perguntar se pode ficar, entendeu. Se pode ficar perto da gente, ou se tem um outro lugar que não vá atrapalhar. Ela tem que fazer a linha humilde. Ai as vezes ela acaba ganhando a confiança da outra. Que tem muitas vezes que tem o caso de chegar travesti e ficar perto de mim, daí eu digo: tchau, desce mais para baixo, eu quero trabalhar . Lá em baixo, você pode ficar, cada uma tem o seu ponto aqui. Mas sempre as humildes ficam. O principal é a humildade. Tem que pedir para ficar. Tem que ser submissa primeiro. (Entrevista realizada com Atena em 04.04.2007).

A estruturação das relações de poder se faz em um movimento de tensionamento eterno, nos termos utilizados por Foucault (1988). Não existe um poder estático, unidirecional e não contestado pelos seres subordinados a ele. No território estabelecido, deve haver atitudes de cordialidade como estratégia de autoproteção do grupo frente à sociedade que pressupõe o respeito aos pontos pré-determinados, às saudações e estabelecimento de conversas. A sociabilidade que estabelece o território também permite a inclusão ou exclusão de pessoas conforme o código de conduta estabelecido e é uma forma de dominação, reprodução e também de desestabilização das hierarquias.

A sociabilidade se dá em grande parte pela fofoca, aqui compreendida como "informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras. Estruturalmente, porém a fofoca depreciativa é inseparável da elogiosa, que costuma restringir-se ao próprio ou aos grupos com que ele se identifica" (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 121). O circuito da fofoca distribui prestígio e poder ou depreciação e enfraquecimento. Como o território da prostituição travesti se institui por pactos informais, o manejo eficiente do circuito das fofocas funciona como importante meio de regulação e conquista de poder, já que o que se fala e seu teor está relacionado às normas coletivas do grupo. Assim, as fofocas giram em torno dos parceiros sexuais, experiências com clientes, da beleza, das transformações dos corpos, conquistas financeiras e das brigas entre elas.

As estratégias de manutenção do território da prostituição se dão também nas relações entre o grupo de travestis, a vizinhança e os clientes, evidenciando, tal qual Rose (1993) que o território é multidimensional, havendo mais de um plano raso de relações a

ser analisado. É nos múltiplos planos que os sujeitos, tensionados, se reposicionam espacialmente, podendo ou não constituir territórios.

A relação com os clientes é o elemento fundamental na instituição do território da prostituição, já que sem eles a atividade não ocorreria. Contudo, a relação entre o cliente, homem e a travesti não é homogênea e unilinear, mas ao envolver a dimensão espacial, pode-se vislumbrar o território paradoxal, proposto por Rose (1993). O território paradoxal é complexo, constituído pela articulação de variadas dimensões. Em cada dimensão ou espacialidade de vivência, a travesti pode se encontrar em centro ou margem de relações. Estas plurilocalizações de travestis, entre centro e margem, podem subverter a ordem de forças entre o grupo das travestis e outros grupos. Assim, o território paradoxal da prostituição travesti, multidimensional, é potencialmente desestabilizador da configuração entre *eu* e *outro*, entre centro e margem, apreendidos como simultaneamente separados e conectados

Numa primeira dimensão do território paradoxal da prostituição a travesti é responsável pela determinação das características do contrato de serviços sexuais e, assim, conquista o centro da configuração de poder. Os clientes se colocam na periferia, mesmo que possuam vantagens financeiras. Este sujeito procura a travesti para viver o prazer interdito pela sociedade heteronormativa, notadamente em relações onde o homem/cliente é passivo. Contudo, o deslocamento dos corpos para a realização do programa reposiciona o feixe de relações, colocando a travesti em situação de maior fragilidade em relação ao cliente, sendo comum os relatos de abusos, calotes e violências cometidas pelos clientes. Assim, o território paradoxal é movimento e criação constante, ultrapassando a relação oposicional simples de *insider / outsider*.

Ademais, as falas das travestis demonstram que o território vai além do ganho financeiro obtido com o comércio das práticas sexuais. O território torna-se elemento fundante do ser travesti, evidenciando uma relação de duplo vínculo entre território e sujeito. As evocações realizadas pelas travestis denotam que o território da prostituição se compõe dos seguintes elementos: atividade comercial sexual, aceitação e admiração do ser travesti, aprendizados de práticas convencionadas no grupo e técnicas de transformação do corpo, consumo de drogas e álcool, violência e preconceito.



Figura 5- Atividade da Prostituição

Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas realizadas entre março de 2006 a julho de 2007

É a atividade da prostituição a forma quase que exclusiva que a sociedade brasileira aceita para subsistência material das travestis. Nesse sentido, o território da prostituição é contraditório / complementar aos espaços interditados à vivência das travestis como as escolas e locais de trabalho, sendo as práticas sexuais comerciais que instituem o território, os elementos de reconhecimento e aceitação sociais.

Se os espaços interditos impossibilitam as mais corriqueiras vivências espaciais, é através do território que as travestis obtêm e vivem uma intensa espacialidade. As falas das travestis evidenciam que o território supera a noção de obtenção de subsistência econômica, sendo composto por relações de amizades, redes de sociabilidade através das quais se aprende como ser travesti. Desde as práticas sexuais requisitadas pelos clientes, até os padrões de comportamentos, linguagens, vestuários e gestuais próprios do grupo, como evidenciado no trecho do relato da travesti Afrodite:

> Eu aprendi na rua! Tudo que eu aprendi foi na rua. A minha vida mudou. Tudo, tudo, tudo eu consegui, cirurgia plástica, através da rua. A travesti vira travesti na rua. Como eu falei para você, eu nem sabia que travesti era ativa. Eu fiquei assustada, a primeira vez que eu fiz ativa, eu fiz dando risada. Ele de quatro e eu dando risada. Eu achei que era uma coisa do outro mundo. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

A relação entre o território e as transformações gradativas do corpo, para atingir o objetivo do corpo travesti, é comum em suas expressões. É a vivência do território que permite às travestis observar, apreender e produzir práticas e técnicas corporais. Criam maneiras de vestir, maquiar, enfim, incorporam os elementos identitários do universo feminino ao corpo biologicamente masculino e realizam, paradoxalmente, a 'subversão da ideia' de que o sexo define o gênero. É também através do território da prostituição travesti que se apreendem os sinais corporais que permitem as provocações, assédios, disputas e rivalidades. Os elementos comuns são a esperteza, a força e a malícia, elementos sempre lembrados e considerados necessários na composição do ser travesti. No processo de aprendizagem é comum a figura da 'madrinha' que, geralmente, é uma travesti experiente e de valor moral reconhecido segundo os códigos identitários do grupo. A 'madrinha' possibilita um aprendizado mais rápido do ser travesti, além de avalizar seu ingresso no território. Os atributos que as tornam mais firmes, fortes e guerreiras, são construídos das adversidades sofridas em outras espacialidades e criam uma barreira de proteção para suportar o sofrimento, a violência e a intolerância social.

O território da prostituição objetiva os atributos físicos, os gestuais próprios do grupo, seus códigos singulares de comunicação que o corpo travesti comunica. Ao mesmo tempo, a imbricação corpo / território / poder é lida e interpretada pela sociedade, criando as múltiplas dimensões possíveis de serem lidas, redesenhadas, redefinidas e contestadas. O território, nesse sentido, é movimento constante de relações que possibilita a plurilocalização dos(as) sujeitos(as) tensionados pelas relações de poder que invoca as constantes transformações das posições de centro e margem. A relação simplista entre dominantes e dominados, *insider* e *outsider* delimitados por fronteiras unívocas e objetivas na instituição do território é definitivamente ultrapassada, já que não explica as relações constitutivas da prostituição travesti. A análise efetivada evidencia que o território pode ser compreendido por um espaço apropriado por um grupo que exerce a centralidade das relações de poder, ou seja, uma complexa relação existencial que institui sujeitos - espaço – poder e é simultaneamente por eles instituída, através das performances cotidianas. Assim, seguindo os argumentos de Rose (1993) pode-se afirmar que o território é paradoxal, constituído por múltiplas e variadas dimensões e espacialidades do ser travesti, posicionando sujeitos ora no centro, ora na margem de relações de poder, dependendo das marcas que estes corpos carreguem. Um território que se faz da separação / conexão entre eu e outro, entre centro e margem em constante movimento, possibilitando aos seres abjetos, impróprios e interditados à vivência socioespacial, sob a égide da heteronormatividade, criar resistências e existir através de seus territórios.

Considerações finais: a Geografia, elas e nós.

A Geografia resulta de contribuições mais amplas do que as que nós geógrafos(s) podemos realizar. O encontro entre nós, as travestis e a Geografia reconfigurou nossos posicionamentos inicias e enriqueceu nosso modelo de análise, tensionando as relações entre pesquisadores(as), pesquisadas e a própria produção da ciência geográfica. O conhe-

cimento científico é impossível de ser produzido segundo os critérios de pureza, neutralidade e objetividade. Pelo contrário, em nosso encontro com as travestis, além de nossos posicionamentos terem sido transformados pelo embate da teoria geográfica e os dados empíricos, nós pesquisadores(as) incorporamos também suas linguagens, paixões e formas de conceber o espaço e a sexualidade. Elas, por sua vez, incorporaram nossa linguagem científica e a palavra 'território' passou a fazer parte do vocabulário corrente das conversas e definições da área de prostituição, assim como questionamentos sobre sua condição de marginalidade imposta pela heteronormatividade. A geografia produzida cotidianamente e a geografia científica fazem circular conceitos que são apropriados por ambos os campos de conhecimento, senso comum e científico. Portanto, o conhecimento aqui produzido sobre a realidade espacial estudada se configurou num campo contratual de construção do saber geográfico.

O conhecimento cotidiano enunciado na célebre frase repetida pelas travestis "os mesmos homens que fecham as portas para nós durante o dia, abrem as pernas para nós durante a noite" colocou em xeque a nossa capacidade de desvendar a realidade objetiva através de nossos instrumentos de pesquisa e foi desse encontro, em que confrontamos nossos estoques culturais e saberes de forma dialógica, é que pudemos reconstruir o conceito por nós até então incorporado. Esse processo de pesquisa possibilitou a compreensão do território da prostituição travesti concebida de forma paradoxalmente conectada / separada dos espaços de interdição, um território definido por um espaço apropriado por um grupo que exerce uma centralidade transitória nas relações de poder numa complexa relação existencial que institui sujeitos - espaço – poder e é simultaneamente por eles instituída, através das performances cotidianas.

O grupo social e suas experiências espaciais aqui analisadas, em geral, estão ausentes dos temas considerados importantes para a Geografia científica. Acreditamos, contudo, que além de merecerem maior atenção por parte da comunidade geográfica, provocam interrogantes sobre nosso arsenal teórico-metodológico já que desafiam a ciência a responder aos questionamentos a respeito da realidade socioespacial complexa e não evidente materialmente.

Bibliografia

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. New York & London: Routledge, 1993.

_____. *Gender Trouble: Feminism and subversion of identity*. London: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad.* Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

COSGROVE, Denis. Geografia Cultural do Milênio. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Manifestações da Cultura no Espaço.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 17-46.

DUNCAN, James Stuart. *The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom.* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber.* Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org). *Geografia: Conceitos e Temas.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 165-206.

_____. A noção de rede regional: reflexões a partir da migração "gaúcha" no Brasil. *Território.* Rio de Janeiro, Ano III, no 4, p.55-72, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Hori-

zonte: Autêntica, 2004.

PERES, Wilian Siqueira. Travestilidades: apontamentos para uma estilística da existência. SEMINÁRIO HOMOFOBIA, IDENTIDADE E CIDADANIA GLBTT. *Anais.* NIGS – Núcleo de Identidades Gênero e Subjetividades. Florianópolis, 2007, p. 1-16.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos.* Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costa. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista de Estudos. Feministas*, Florianópolis, v. 10, n.1, p. 155 – 167, 2002.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

ROSE, Gillian. *Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge.* Cambridge: Polity Press, 1993.

SACK, Robert. *Human territoriality: its theory and history.* Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SILVA, Joseli Maria. A produção do espaço interdito da experiência cotidiana do sujeito transgênero. VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE. *Anais.* Universidade Federal Fluninense. Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias et. al (org). *Geografia: conceitos e temas.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.